



A ANTOLOGIA DE CONTOS, POEMAS E CRÔNICAS ABRANGE OS MELHORES TEXTOS ENVIADOS AO PRIMEIRO FESTIVAL DA JUVENTUDE. AQUI, ADENTRAREMOS EM UM RECORTE DO PENSAMENTO LITERÁRIO DE JOVENS DO MATO GROSSO DO SUL.



APOIO



REALIZAÇÃO



PARCEIROS



PATROCÍNIO



ANTOLOGIA FESTIVAL DA JUVENTUDE - CONTOS • POEMAS • CRÔNICAS

ANTOLOGIA



CONTOS, POEMAS E CRÔNICAS







O papel utilizado neste livro é biodegradável e renovável. Provém de florestas plantadas que dão emprego a milhares de brasileiros e combatem o efeito estufa, pois absorvem gás carbônico durante o seu crescimento! A tinta utilizada na impressão das páginas é à base de soja, cujo componente é renovável e atóxico que não degrada o meio ambiente.

ANTOLOGIA



CONTOS, POEMAS E CRÔNICAS

1ª Edição
Campo Grande/MS
2024

Copyright © by **Associação Amigos do Cinema e da Cultura**

Direitos Autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

Coordenação do Festival da Juventude

Nilson Rodrigues e Andréa Freire

Coordenação dos Concursos do Festival da Juventude

Febraro de Oliveira

Júri dos Concursos Literários

Lucilene Machado, Sylvia Cesco e Febraro de Oliveira

Coordenação Editorial

Valter Jeronymo

Projeto Gráfico

Diagramação e Capa

Life Editora

Revisão Final

Febraro de Oliveira e Sylvia Cesco

Impressão e Acabamento

Life Digital

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Associação Amigos do Cinema e da Cultura

Antologia do I Festival da Juventude, Nilson Rodrigues, Andréa Freire e Febraro de Oliveira (Orgs.) - Campo Grande, MS, Life Editora, 2024.

102p.

ISBN 978-65-5887-590-1

1. Contos 2. Poemas 3. Crônicas 2. Literatura brasileira I. Título

CDD - B869

Proibida a reprodução total ou parcial sem prévia autorização da
Associação Amigos do Cinema e da Cultura.

Prefácio

Em cada folha deste livro, pulsa o coração vibrante de uma juventude que ousa sonhar, criar e transformar. As palavras aqui gravadas são mais que meras letras; são os ecos de vozes jovens que ressoam com a força de uma tempestade e a delicadeza de uma brisa. Estes contos, crônicas e poemas são testemunhas de um momento único, um encontro mágico onde cada alma presente se permitiu ser livre, corajosa e autêntica.

No primeiro Festival da Juventude, vimos nascer um novo horizonte de possibilidades, onde o talento emergiu com brilho e intensidade. Cada história narrada, cada verso declamado, cada linha escrita é uma celebração da criatividade e da coragem de nossos jovens. Esta antologia é um tributo a essas mentes inspiradoras que, com suas palavras, nos convidam a ver o mundo com olhos renovados.

Os textos aqui presentes abrangem a produção rica e diversa de jovens de todo o Mato Grosso do Sul, representando uma multiplicidade de vozes e perspectivas. De cada canto do nosso estado, surgiram contos que nos fazem sonhar, crônicas que nos fazem refletir, e poemas que tocam profundamente nossos corações. Este mosaico literário é um reflexo da vitalidade cultural de nossa juventude, que, com suas criações, nos convida a explorar novos mundos e emoções.

Nossa gratidão é imensa e se estende a todos que tornaram este sonho possível. À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), nosso abrigo e berço de saber, obrigado por proporcionar o espaço e o apoio para que

a arte floresça. Ao Deputado Vander Loubet, cuja dedicação e suporte foram fundamentais para a realização deste festival, nosso reconhecimento eterno. Aos patrocinadores e apoiadores, que acreditaram no poder transformador da juventude e da cultura, nossa sincera reverência.

Que esta antologia seja um farol, iluminando o caminho para futuras gerações, inspirando novas histórias, sonhos e vozes. Que cada palavra aqui eternizada seja um lembrete do poder que reside na juventude, capaz de moldar o presente e construir um futuro repleto de esperança e beleza. A força destas páginas ecoa a energia de um estado que acredita no potencial de seus jovens, que valoriza suas narrativas e se orgulha de suas conquistas.

Neste Festival, celebramos não apenas a arte e a literatura, mas a promessa de um futuro brilhante. A cada jovem que participou, deixamos nossa eterna gratidão e admiração. Vocês são a prova viva de que a cultura e a criatividade são alicerces inquebrantáveis de uma sociedade mais justa e iluminada. Sigamos juntos, cultivando sonhos e construindo pontes de palavras que nos unam e nos fortaleçam.

Nilson Rodrigues e Andréa Freire

Coordenadores do Festival da Juventude

Febraro de Oliveira

Coordenador dos Concursos do Festival da Juventude

Sumário

Categoria CONTO (15 a 18 anos)	09
Outra, mais uma translação.....	11
Antônio.....	17
Mar e Ana.....	25
Categoria CONTO (19 a 24 anos)	29
27 de setembro de 2011.....	31
Antes que eu me mate.....	37
“Na beira d’água”.....	41
Categoria POEMA (15 a 18 anos)	45
De crueldade e natureza.....	47
Poesia Mecânica.....	49
Montanha-russa.....	53
Categoria POEMA (19 a 24 anos)	55
1924.....	57
Manifesto Moradas Travas.....	61
Vestígio de fôlego ao espaço-tempo.....	65
Categoria CRÔNICA (15 a 18 anos)	67
Ouro de Tolo.....	69
Crescer.....	73
A arte do ordinário.....	79
Categoria CRÔNICA (19 a 24 anos)	83
Portas abertas.....	85
O que sobra quando não se tem mais nada.....	91
Claustrofobia.....	95
Posfácio.....	99



Categoria
CONTO
(15 a 18 anos)



Maria Clara de Freitas Barcelos

Nascida em Uberlândia, Minas Gerais, no dia 07/03/2007. Vive em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, desde os três anos de idade. Mineira com orgulho, mas sul-mato-grossense de coração. Em 2024, completou dezesse-
te anos de existência.



Outra, mais uma translação

por Maria Clara de Freitas Barcelos

Neste ano faço dezessete anos. Dezessete, nem mais, nem menos, apenas dez e sete. Sentir o nó se amarrando cada vez mais na garganta, o tempo fazendo seu trabalho desgraçado e ver o meu reflexo no espelho se adular é o presente. Feliz aniversário.

Ontem eu tinha sete anos (sem o dez) e fantasiava sobre fazer quinze. Fiz quinze e nem vi, fiz dezesseis e não me lembro, hoje eu vou fazer dezessete. No dia sete de março de dois mil e sete eu nasci e não posso me dar ao luxo de parar e refletir sobre esse feito, o tempo passa rápido e bate na minha porta.

E na minha cara.

O tempo me interroga sobre o passado e me faz questionar o futuro.

Todo início de ano eu começo a escrever um diário. Tento manter, mas nunca passo de fevereiro. Hoje eu peguei o do ano passado e li as sete páginas escritas, a última datava do dia sete de fevereiro e a primeira frase é a seguinte:

“Parece que ontem eu ainda dizia ‘deve ser tão legal ter quinze anos’ e mês que vem eu já faço dezesseis. Não consigo me lembrar para onde foi esse tempo.”

Eu me lembro da poltrona branca na qual estava sentada, ao lado de uma mesinha de centro marrom que tinha

em cima um abajur ligado com uma luz amarela, na sala de estar de um apartamento que não era meu, quando escrevia.

Mas entre esse momento no dia sete de fevereiro do ano passado e o momento presente, em que estou sentada à mesa do meu quarto escrevendo mais uma vez sobre fazer anos, existem mais de 31.536.000 segundos, mais de 525.600 minutos, mais de 8.760 horas.

Quanto tempo se passou desde que eu comecei a entender? No diário, a frase continua:

“Nem é medo, não tenho medo de fazer aniversário. É um sentimento de passado, não sei, tudo acontece ao mesmo tempo que nada.”

Tudo acontece ao mesmo tempo que nada, é verdade. Tudo ao nosso redor acontece o tempo todo, quer percebamos ou não. É isso que falta. Perceber. O nada acontece ao mesmo tempo que tudo. Só que o nada nadifica. O nada não percebe.

Mais à frente é possível ler:

“Será que algum dia eu me descubro? Vou saber quem eu sou, nem que seja em partes? Já não sei meus gostos, nem meus quereres. Não quero nada, não preciso de nada, eu me viro.”

Não saber também nadifica. Não saber de uma coisa reduz ao nada todo o saber que existe. Eu sei fazer uma omelete, um arroz e um bife acebolado, separadamente, no entanto, não sei fazer um prato completo, então não sei cozinhar e não cozinho nada. Eu sei que gosto de ler, sair e escrever, mas se me perguntar do que eu gosto, eu não sei do que eu gosto de verdade, eu não gosto de nada. Eu sei

o que eu quero de verdade, saber o que sou (de verdade), mas enquanto não sei, eu não sou nada.

Eu tenho prova de existência, o documento, Registro Geral. Fora isso, não tenho identidade. No entanto, fazer dezessete anos hoje me faz ser algo (além de aniversariante). Hoje eu sou uma medida do tempo, eu sou dezessete anos e todos esses anos me são.

Eu existo, tenho um corpo. Mulher e menina. Corpo que sente o peso do mundo. O tempo todo, ele se expande, gira e pesa dentro de mim. E disso não posso escapar.

Outro dia soube de uma mulher que morreu, de morte matada, morta pelas mãos da própria vítima. A mulher diz algo que conversa comigo. “Meu coração tá tão triste, que eu sinto achar-me no direito de não perambular por aí, com esse corpo que ocupa espaço”.¹ Por vezes eu me acho no direito de não ocupar espaço. Ainda assim, meu corpo perambula por aí, ocupando um pouco mais de um metro quadrado.

Todos os dias faço o mesmo caminho de casa para a escola. E às 6:42 da manhã numa esquina específica existe um homem que me olha. Todos os dias ele está na mesma esquina, em pé, esperando. Eu passo, ele olha nos meus olhos. Vê neles minha nuca arrepiada, o suor nas minhas mãos, sobrancelhas franzidas, boca fechada e a temperatura do meu corpo de menina-mulher que sobe a cada segundo que passa. O que ele tanto espera na mesma esquina religiosamente às 6:42? Será que ele percebe o erro, sente

1. Elena (2018), Direção e Roteiro: Petra Costa.

remorso ou culpa? Ele me percebe, me espera, para me ver existindo? Ele vê os dezessete anos?

Coragem para perguntar nunca tive, não posso afirmar. Nunca poderia afirmar. Ainda assim, isso me lembra que eu existo e não posso fazer o contrário.

Eu não consigo me conter. Ainda que eu não saiba do que eu gosto ou quero ou sou de verdade, eu me agarro ao que sei, e não me deixo nadificar. Eu não sei ser nada. E eu seria nada, se continuasse pensando com a cabeça fechada.

Isso é a identidade? Isso é ser eu? Pode ser. Quem sabe?

O ser humano tem a mania de querer achar a resposta certa para conceito que não é exato. *Ser eu* com certeza não é exato, é tudo o tempo todo, e por enquanto me contento com isso. Abraço todas as possibilidades do meu ser, no passado, no presente e no futuro.

Tendo ou não identidade, o tempo me diz para viver o agora e só existir mais tarde. Porque se eu não viver agora, não existo mais tarde. É difícil de aceitar, mas é verdade, é esse o destino daqueles que não conseguem somente existir. Da gente que sente no estômago, de dentro para fora, os furacões criados pelas asas das borboletas que ali residem. Da gente que explode só de pensar em ser uma coisa só. Da gente que sente no âmago da existência a impossibilidade de ser nada. Da gente que não se contenta com o nada, não releva o nada e não aceita o nada. Da gente que faz dezessete, quarenta e sete, noventa e sete anos e sente a vida além da existência pulsando nas veias. Da gente que encara sem medo a dúvida cruel a que o tempo nos submete e olha de

frente o homem parado na esquina. Da gente que bate na cara do tempo.

Fazer aniversário é um ato de re-existência.

Maria Clara Guedes de Oliveira

Eu, natural da Paraíba - conhecida como a terra da “mulher macho, sim senhor”, fortes, duras e corajosas - encontrei em mim a sensibilidade e a doçura da escrita. Vivo em Dourados há 10 anos, porém busco sempre resgatar minhas origens nordestinas por meio, também, da literatura, tendo como inspiração grandes escritores, como Ariano Suassuna, Augusto dos Anjos, Maria Valéria Rezende, dentre tantos outros. Com o incentivo, principalmente, de professores, busquei me aprimorar nesse meio artístico. Agora, aos 17 anos, me sinto mais inspirada do que nunca e honrada em transmitir histórias, verdades e sentimentos através da minha paixão: escrever. Me sinto gratificada.



Antônio

por Maria Clara Guedes de Oliveira

Deixo para trás a minha terra, a minha família. Deixo para trás meus poucos bens, eles que foram tão difíceis de conquistar. Deixo para trás tudo o que conheço para me aventurar no interior desse país. Vou embora com a promessa de uma vida melhor, incentivado por painho que alega que se fosse mais jovem iria embora comigo sem olhar para trás também. Sei que a velhice é só uma desculpa para ele ficar, ele não iria de verdade. Seu Januário não abandonaria seus cuidados na roça por nada nesse mundo. Ele nasceu, cresceu e criou três filhos na mesma casinha que vovó deu à luz a ele e seus irmãos. Fomos muito felizes naquela casinha no alto da serra de portas verdes e paredes amareladas - em algum dia da sua história já foi branca, mas depois de décadas ela ganhou esse tom. Deixo para trás minha esposa e filhas com o compromisso de estabilizar minha vida e depois trazê-las para perto de mim nessa nova cidade próspera e em franco desenvolvimento. Observo a mudança de paisagem conforme os dias se passam e o ônibus me leva para mais longe do verde acinzentado do Planalto da Borborema às planícies verdes sul-mato-grossense. Durmo e acordo no banco duro no fundo do ônibus. Passo quase

a viagem toda olhando a fotografia de Helena, tão linda, e de minhas pequenas Alice e Aparecida. É por elas que estou fazendo isso. Engulo o choro, levanto minha cabeça e endireito meu chapéu de couro, depois de longos cinco dias e alguns pequenos perrengues na estrada chegamos em Dourados. Assim que desço do ônibus, um bafo de ar quente queima meu rosto. É começo de janeiro, alto do verão, mas não esperava uma cidade tão quente e abafada como essa. Meu primo Hélio, que veio anos atrás, me acomodará em sua casa durante o período que precisar. Espero que não seja por muito mais tempo. Sua esposa Angelina - de anjo não tem nada - faz de minha vida um inferno, negando-me comida, revirando minhas malas quando não estou presente, resmungando pela casa o quão infeliz está com a minha presença. Eu também não estou feliz aqui, tenho saudade do meu lar, das minhas meninas. Ligo para casa com pouca frequência, menos do que eu gostaria, não quero ter que mentir dizendo que está tudo bem. Vivo calado, troco muitas poucas palavras com eles. Passo o tempo fazendo o que posso, entrego currículos em todos os lugares, mas até agora não recebi retorno algum. Hélio tem um filho, rabugento como a mãe, que, estranhamente, não se parece nem um pouco com meu primo. Em uma das folgas de Hélio, sentamos na frente da casa ao final da tarde e ele me oferece uma bebida, já tinha visto minha cunhada preparando-a mas não me interessei o bastante para perguntar o que era e nem para bebê-la. Sugo a espécie de canudo de ferro e bebo o

líquido verde, tem um sabor levemente amargo, mas depois de algumas rodadas me sinto de barriga cheia e refrescado. No princípio não dei muita importância, mas tempos depois me vi totalmente dependente desse tal de tereré, já que é a única coisa que está aliviando esse calor.

Já se passou quatro meses desde que cheguei na cidade. Consegui um emprego de carteira assinada como motorista de caminhão canavieiro em uma usina bem afastada, levo cerca de três horas para chegar lá. Meu salário é relativamente bom, melhor do que ganharia fazendo a mesma função na Paraíba. Estou economizando para comprar algumas mobílias para receber bem minha família. Sinto que o meu encarregado, Reginaldo, não gosta de mim, sempre que me vê, tendo pessoas em volta ou não, ele faz “piadas” sobre o meu sotaque, meu chapéu de couro que não sai da minha cabeça ou até sobre as comidas que levo na marmitta. Quando está irritado grita comigo, insultando-me - houve momentos que ele não ofendeu só a mim, mas todos os nordestinos que estavam na sala, incluindo todos nós como “analfabetos-mortos-de-fome”. Tento manter as aparências, ser um bom colaborador, eu tenho que aguentar, mas às vezes sufoca. Quando essas situações me irritam ou fico triste, penso em minha família e relembro-me: é por elas, pense sempre nelas e encontrarei conforto, amor, segurança e forças. Divido uma quitinete com Aluísio, um colega de trabalho, assim pago só a metade do aluguel. Não tenho muito contato com esse meu colega porque trabalhamos em tur-

nos diferentes, ele nunca está em casa quando estou e vice-versa. São quase oito da manhã, cheguei em casa a poucos minutos vindo de um turno exaustante, e, enquanto lavo a pequena louça que sujei ao tomar meu café da manhã, vejo ele - que já deveria estar na usina - se aproximando de casa, cambaleando sob as próprias pernas ao lado de uma mulher vestida com um vestido vermelho curto e decotado. A mulher e ele não parecem estar sóbrios, todavia, ela tem mais equilíbrio usando um salto alto preto que ele. Sabia que Aluísio enfrentava problemas com álcool, mas nunca o tinha visto beber. Ele para na porta, ao lado da cozinha e fala palavras desconectadas, estou cansado e estressado por causa do trabalho e não quero alongar esse encontro. Quando tento passar pelo pequeno vão da porta, que se faz minúsculo por causa dos dois corpos, sou empurrado de volta a cozinha e ele murmura sobre como não estou lhe dando atenção. Fico quieto. Não quero começar uma briga, só quero ir para o meu quarto e chorar de frustração com a vida que estou levando. Quando percebe que, realmente, não irei lhe dar ouvidos avança em minha direção. Por estar sóbrio, consigo ser mais rápido e lhe segurar, não de um jeito agressivo, o suficiente para não me machucar e evitar ele de machucar a si mesmo. A mulher, que antes estava apática e encostada na parede, agora está indo embora. Aluísio se desvencilha de minhas mãos e, com o brusco movimento, recai sobre a pia. Nesse tempo, ando depressa até meus aposentos e tranco a porta, ele vem em seguida,

bate com força, mas não abro. Confesso sentir medo. Ouço barulhos de estilhaços de vidro e outras coisas se quebrando. Provavelmente, foi por esse comportamento agressivo que sua ex-esposa o deixou, levando sua filha. Ajoelho-me ao lado da minha cama e rezo, peço a Deus que me dê discernimento nas minhas ações e coragem. Pela janela do quarto vejo quando ele vai embora. Depois de ter certeza que ele não voltará tão cedo, me retiro do pequeno quarto e vejo cacos no chão da cozinha. Por um lado, fico aliviado de não termos muitas mobílias, assim, não tem quase nada para se quebrar. Chego na sala e esse alívio momentâneo se transforma em raiva e tristeza. Vejo que ele quebrou não só pratos e copos, mas também o ventilador rosa que tinha comprado para o quarto das meninas, mas que, por hora, estávamos utilizando na sala. Comprei-o pensando em minhas filhas, preocupado em não passarem calor durante o sono nem ao decorrer do dia. Num clima tão quente como o de Dourados, um ventilador era o básico para ter o mínimo de conforto. E lá estava ele, torto e em pedaços. Agacho-me ao lado dos destroços do ventilador e com lágrimas nos olhos o apanho do chão. Está quebrado, estraçalhado! A mistura de sentimentos ruins que estou sentindo faz meu coração doer, sinto falta de ar. De repente, involuntariamente, derubo uma hélice que estava segurando na mão direita. Não consigo levantá-la. Pergunto a mim mesmo em voz alta o que está acontecendo, mas não falei como normalmente falo. Minha língua não obedece a meus comandos e minha

fala se faz embolada. Me deito no chão frio com a mente totalmente vazia. Não penso em Helena e nem nas meninas, muito menos em Aluísio. Não penso na felicidade de Reginaldo se souber que morri. Fico deitado, observando o teto onde vejo num canto uma infiltração que se destaca em contraste com a parede branca. Fecho os olhos e só os abro ao ouvir a voz desesperada de Dona Rose, a vizinha dos fundos, choramingando e me balançando de um lado para o outro. Ela ligou para a ambulância e, mesmo protestando e afirmando que estou bem, me acompanhou até o hospital. Disseram-me que tive um acidente vascular cerebral e que ficaria em observação por um tempo. Painho me contou uma vez que vovô morreu assim. O quarto que estou é gelado e tem cheiro típico de hospital. Detesto esse cheiro. Volto para casa depois de dois dias internados, Aluísio não está, a cozinha e sala ainda estão sujas com cacos de vidro e o ventilador no mesmo lugar. Eu não quero continuar vivendo com esse homem. Em nenhum dos dias que estive naquele quarto ele foi me visitar, não fiquei esperando, mas tive o pensamento de que, como meu colega de trabalho e de casa e o estopim do meu AVC ele iria passar por lá, pelo menos, para pedir desculpa, me desejar uma recuperação rápida ou algo do tipo. Mas ele não foi.

Estou ansioso. Agora, depois de um pouco mais de ano que cheguei no Mato Grosso do Sul, reencontrarei minha família na rodoviária. Vejo de longe Aparecida com um vestidinho rosa segurando uma boneca em seus braços

e Alice, a mais nova, segurando a mão de Helena que está sondando o lugar a procura de mim, retirando as bagagens da lateral do ônibus e vigiando as meninas, tudo ao mesmo tempo. Começo a chorar. Que saudade senti! Alice é a primeira que me vê e corre em minha direção gritando “pai”. Aparecida vem a seguir com os olhinhos marejados. Vou até minha bela esposa, com Alice no colo e Aparecida segurada pela mão e lhe dou um beijo, eu tenho esperado por esse momento pelo o que me pareceu um tempo muito longo. Sinto de novo a paz que não senti durante todo esse ano que estive afastado delas.

Maria Fernanda Pereira Cristino

Mafer Cristino é atriz, dançarina de streetdance e poeta, nascida e criada em Campo Grande MS. Estudante do 2º ano do Ensino Médio no colégio Elite Mace, a multi artista demonstra interesse pela arte e tudo que a envolve desde pequena, graças ao apoio de seus pais. Com seus 16 anos, a jovem se aventura no mundo literário em suas obras “Mar e Ana” e “A arte do ordinário” - ganhadoras do 2º lugar nas categorias Conto e Crônica - que extraem toda a essência da jovem. Tratando de temas como a jornada do autoconhecimento e a beleza da arte nos míseros e mais singelos detalhes da vida cotidiana. Mafer se descobre a cada dia e sua missão nesse mundo é trazer o brilho nos olhos das pessoas, através de sua luz que espalha a chama da Verdade e da arte por onde passa.



Mar e Ana

por Maria Fernanda Pereira Cristino

Ela era como o mar. Profunda, inconstante e duvidosa. Nos olhos de Ana, se enxergava o infinito daquelas águas cristalinas. Era fácil demais estar em seu raso, observando suas ondas. Difícil era reconhecer e entender as suas profundezas intensas e incertas. Vários tentaram mergulhar em seu vasto espaço, mas todos fracassaram miseravelmente nessa impossível missão. Ninguém nunca conseguiu decifrá-la.

Transparecia ser feliz, mas, em seu interior, reinava a tristeza. Desolada, Ana não encontrava ninguém que a entendesse. Pelo menos, não como deveria. Sua alma pulsava por alguém que a compreendesse, já que nem ela se conhecia mais. Costumava se esconder por trás de belas feições e sorrisos mentirosos, que escondiam suas mágoas. Já que quando tentou fazer morada em outro coração, foi surpreendida por um vento forte que a afastou. Sem mapa, não sabia que rota deveria tomar em sua navegação. Perdeu a confiança nas pessoas ao contar seus mais profundos segredos e ser correspondida com infidelidade. Tanta desconfiança e medo a impedia de continuar a nadar.

Era um oceano de indecisão. Foi tantas vezes chamada de exagerada, metida, tagarela, irritante, que começou a reparar. Realmente, era deveras espaçosa. Cada onda de sua personalidade não se encaixava em qualquer praia. Ana,

ao invés de continuar a se banhar em meio a sua vasta vida e opiniões, afogou-se em si mesma. Tinha medo de suas ondas serem grandes demais. Então, acabou acalmando suas águas. Decisão que a enlouqueceu. Não podia mudar seu jeito de ser, apenas por causa de surfistas inexperientes que se aventuravam. Mas deveria continuar experienciando cada devaneio de suas ondas, até o momento certo. Momento esse, no qual um ser, e apenas aquele ser, seria presenteado com a mais bela vista de toda a sua vida, onde presenciaria a obra mais perfeita já feita.

O preciso arranjo de cada nuvem no céu se complementando com cada onda no mar. Ana vivia por isso. Ansiava mais que tudo. Mas, como seria possível? Se decidiu ser maré calma como os rios, mas sua origem era ser mar escaldante? Se queria que aquele certo alguém apreciasse seu céu multicolor, mas se forçou a ser amarelo claro a todo momento do dia e azul escuro por cada segundo da noite? Nenhuma ave sequer no céu e nenhum peixe no mar. Toda beleza e originalidade havia se escondido em suas profundezas. Tão profundo, que nem ela mesma conseguia encontrar.

A menina refletia incessantemente sobre sua vida agitada como as marés. Ana já passou por tantas tempestades vigorosas, que nem se lembrava mais como era um dia ensolarado. Antes, contava gaivota por gaivota que pousava na beira da praia. Tinha longas conversas com cada grão de areia, até o Sol raiar. Quase nem piscava ao admirar o entardecer e a chegada da grande e brilhante Nova. Observava se era Minguante, Cheia ou Crescente. Pois era crescente, também, a sua paixão. Decorava cada forma e cor das

conchas. Mas, nos últimos dias, seus olhos sequer abriram. Não recebia visitas, nem reparava nas fases da Lua.

Foi quando então, em um instante de segundos, pensou que podia ir mais à fundo. Sentiu a água salgada permeando seus fios de cabelo e deixou as ondas invadirem sua vazia alma. Só não sabia que, desaguando no oceano, não se livraria da vida. Pelo contrário, daria um salto para se autoconhecer e navegar em sua própria vida. Descobriu, portanto, que ela e o mar, não eram distintos. E, sim, o mesmo espírito com suas partes perdidas. Por fim, nesse ato de se entregar abertamente às marés, achou que iria se perder em sua mente, mas se encontrou em seus sentimentos. Agora, conseguia enxergar o que realmente era. O mar era a Ana e Ana era o próprio mar. Assim, se reconheceu como Mariana, a menina que mergulhou em si.



Categoria
CONTO

(19 a 24 anos)



Alessandra Coelho

Alessandra Coelho, 23 anos, carioca na cena de MS desde 2018. Escritora, produtora cultural, professora e baterista. Cria de Slam, compõe a organização do coletivo Slam Plural, que promove batalhas de poesia falada em Campo Grande - MS. Subvertendo as poéticas e brincando com as palavras, “Usamos Tudo para Poesia” é sua primeira publicação, cuidado e editado pela Hámor edições.



27 de setembro de 2011

por Alessandra Coelho

Cresceu numa família pobre, sua mãe era empregada doméstica e seu pai cobrador de ônibus. Jana, seu Geraldo – seu pai – dona Cleide – mãe – e mais seus três irmãos mais novos formavam uma família grande e feliz, como a vida deve ser. O real problema era a durabilidade da felicidade, que sempre era interrompida pelos cortes de energia, os brinquedos que não podia ter, a falta de algumas refeições principais do dia. Era o que fazia Janaína mais triste e menos produtiva: a barriga roncando. Quando tinha que ensaiar com fome sentia todo seu corpo empenhado em focar as energias em sua voz atingir as notas e tons corretos. Ruim era quando o ronco do estômago era tão alto justo quando a banda estava no intervalo entre uma música e outra, sentia vergonha que alguém ouvisse sua fome.

Janaína, todas as terças e quintas, saía para sua aula de canto e ensaio com a banda da Associação dos Moradores da CDD. Começou a cantar, bem pequenininha, quando os pais fizeram questão de chamar o líder do louvor na igreja que frequentavam e mandar a menina cantar. Desde então, a voz de Jana não parou mais de entoar pela favela, encantando com sua potência nos louvores, começou a cantar em festas, casamentos e a família adorava! Jana, então, já começou a sonhar com o dia que seria adulta, mulher feita, cantando em grandes lugares, tocando corações com sua voz, vivendo de cantar, se alimentando e pondo comida na mesa dos seus com o que sua voz pudesse proporcioná-la.

É fato que, agora, com seus 17 anos, era difícil persistir enxergando esses sonhos diante da realidade que enfrentava.

Na última terça foi dia de São Cosme e Damião, Janaína teve que correr entre os carros de som entregando doces e fazendo brincadeiras com as crianças na rua para não se atrasar, quando, quase chegando na associação, os cara invadiram. Ela ouviu os fogos junto com as criança correndo e o alerta dos fogueiteiro mandando morador ficar em casa. Já era treinada para esse tipo de evento na favela e, sinceramente, só queria chegar no ensaio na hora. Viu Juliano correndo da praça em direção à associação.

Oh, JR!

Vai pra casa, garota, a bala vai comer, porra!

Ele gritou em resposta sem parar de correr nem por um milésimo de segundo. Janaína ficou foi puta com JR mas decidiu consigo mesma que não era o melhor momento para levar pro coração, muito menos pra parar pra tirar satisfação da grosseria do amigo. Quando ouviu a primeira rajada. Entrou na primeira casa que encontrou uma brecha no portão e ficou por lá quando começou um tiroteio intenso misturado aos gritos das crianças que se preocupavam agora com outros tipos de bala.

Foi quando ouviu a dona da casa saindo com um pedaço de pau no quintal e esclareceu, Só quero me proteger de tiro, tia, não tenho nada não, só tava passando na rua e entrei. Enquanto se justificava, a mulher interrompeu gritando que sua sobrinha estava na rua, Não interessa, minha filha, sai da frente que eu não vou perder minha sobrinha esburacada de tiro de verme hoje nem nunca! Ao mesmo tempo que a bala comia lá fora, a senhora tentava passar por Janaína e ela não sabia se impedia a velha de correr em direção ao tiroteio ou se ajudava a caçar a criança perdida,

quando ouviu, nitidamente, o estalar de chinelo correndo se aproximando cada vez mais da casa que estava e sentiu medo. Então entrou a menininha de uns cinco anos, tinha um saco de doces aberto com uma maria mole mordida quase caindo pra fora, um chinelo no pé esquerdo e o direito descalço, ofegava e caiu nos braços da senhora gritando Caralho! e a tia Olha boca, garota! a menina começou a chorar e parecia muito assustada com o barulho dos tiros, se engalfinhando no abraço da tia que na verdade queria descer o cacete na menina por ter ido brincar na rua sem sua permissão e quase morrido com uma bala na testa, mas também estava aliviada da sobrinha ter conseguido chegar sã e salva em casa. Entraram. Jana ficou no quintal, pensando na brevidade da vida, nos afetos familiares, em tudo que desejava dizer a mãe uma última vez se morresse e cada vez mais encostada na parede, abaixando-se de súbito quando os estrondos dos tiros aumentavam, mas, Não é pra tanto, pensou. É só mais uma operação, já já acaba e eu consigo chegar no ensaio, mesmo que um pouco atrasada o pessoal ia entender a situação. Lembrou-se de quando ainda era apenas uma garotinha, quando eram ela e JR indo pegar os doces que distribuía na favela todo dia de São Cosme e Damião. Juliano Roberto, vulgo JR, cria da CDD, morou desde sempre ali perto da praça do 15, assim como Jana. Cresceram juntos, suas famílias iam nas festas umas das outras, os churrascos de domingo eram uma coisa só. Tornaram-se família. Jana foi uma das primeiras que teve coragem de ir falar na cara de JR o que pensava sobre ele entrar pro tráfico, falou Esse caminho parece muito bom, irmão, mas uma hora vai dar merda, tem outros jeitos de subir na vida, viver mó vida boa e os caralho. Disse também que tudo o que o sistema mais queria era que pobre fave-

lado continuasse nesse lugar de bandido pra eles poderem meter bala. JR respondeu que não tinha medo de morrer. Ia continuar no corre dele e fazer seu dinheiro ali da favela mermo. Aquele moleque que sempre arrumava um jeito de distraí-la pra roubar as paçocas de seu saquinho e sair correndo, ela logo corria atrás e se iniciava aquela brincadeira, perseguição inocente, que, no fim, era só uma demonstração infantil de afeto e interesse em estar por perto. Família.

Ainda pipocaram alguns tiros hora ou outra, então Jana aguardou mais um pouco no quintal daquela senhora, sozinha. Pensava se era esse, então, o seu destino. Se seria só isso a vida de quem nasce na favela. Perguntava a si mesma se seria sempre uma vergonha ser favelada, se algum dia pertenceria naqueles lugares que sente os olhares queimando quando ela entra. Olhares dizendo que não, uma faveladinha daquela não era bem-vinda ali. Isso era tudo? E depois, o quê? Mais um tiro e uma voz familiar grita não muito longe dali. Pela brecha do portão da casa da senhora com sua sobrinha viu. Viu JR estirado no chão.

Ela vai correndo chorando ofegando em direção ao corpo do amigo. Seu irmão. Ensanguentado. Ela gritou e dessa vez ele não respondeu na grosseria. Ele não respondeu nada. Ela estava indo pro ensaio mais uma terça-feira, as crianças pegando doce de São Cosme e Damião na rua, seu amigo agora no chão, ensanguentado.

O mesmo PM de merda que tinha baleado JR estava na esquina da praça e atirou em Janaína quando ela debruçou-se em socorro ao amigo sem nem hesitar. Um tiro de fuzil atravessou seu ombro.

Quando abriu os olhos depois da única fígada de uma dor indescritível já estava saindo da sala de cirurgia, seu pensamento morava em Juliano. Não lembrava de nada

depois de ter espiado pelo portão da senhora de onde viera o grito de dor que ouviu ali próximo logo após o barulho de tiro. Lembrava de JR. Seu corpo no chão, ensanguentado. Ela e depois ela correndo. Ele roubara sua paçoca mais uma vez. Os dois se entupindo de carne e pão de alho na casa do tio Valter no domingo. Às vezes conseguiam distrair algum adulto para molhar só o bico de cerveja em algum copo abandonado, depois brincavam que estavam bêbados, que nem o tio ficava, andando engraçado, sem conseguir ficar em pé. JR estava no seu primeiro show no barzinho lá no KRT, o corpo ensanguentado. Ele ficou todo feliz quando a chamaram para cantar na banda da Associação, sempre deu maior moral, ficava felizão com as conquistas dela, assim como Jana sempre torceu pelos melhores caminhos para a vida de JR. Eram família. Não conseguia manter os olhos abertos, as enfermeiras lhe mandavam descansar. Jana perguntava por JR. O meu irmão. Meu irmão morreu? Ele sempre enfatizava para amiga o quanto sua voz era linda, que ela ia crescer na vida, tinha talento, ele admitia. Jana tentou alertá-lo, tentou que não entrasse naquele caminho predestinado pela porra do sistema pra gente morrer. Eles mataram meu irmão? Jana queria cantar, queria gritar por JR, queria lhe cantar uma última canção. Para isso, tinha que ter conseguido chegar no ensaio. Não sabia mais se o pessoal iria entender, não poderia ter faltado o ensaio desse show. Juliano estaria na primeira mesa, com seu copo de cerveja e radinho na cintura. Estaria na atividade, mas quando Jana começasse a cantar pararia seu mundo inteiro para prestigiar aquele voz, aquele canto de sua amiga, sua irmã, como admirava o coração e o talento de sua família.

Juliano. Juliano, doutora, o nome dele é Juliano Roberto... JR. Meu irmão. Eles mataram meu irmão?

Ana Laura Menegat / Alma

Ana Laura Menegat, também conhecida como Alma, é jornalista, fotógrafa, poeta e multiartista. Natural de Dourados, atualmente mora em Campo Grande e atua como fotojornalista independente. Acredita na potência do jornalismo e da poesia como ferramentas para a construção de uma memória coletiva a respeito das vidas e lutas existentes no MS. Faz arte como condição de existência e escreve para não se esquecer de si mesma.



Antes que eu me mate

por Ana Laura Menegat / Alma

Antes que eu me mate há tanto que quero fazer. Há tanto que quero viver e sonho tanto com esse tanto tão grande que ele fica cada vez maior e maior e cresce e eu sempre quis muito eu sempre quis viver muito e todo esse querer tem me deixado vazia sufocada e tudo que resta de mim é um coração cheio de ar e dois pulmões vazios de quem já não respira mais. Antes que eu me mate eu preciso conseguir um emprego que me faça feliz para eu não precisar aceitar qualquer coisa que vai me deixar dia após dia com mais vontade de me matar. Antes que eu me mate eu preciso ver a minha arte viva e sendo vista exposta em qualquer lugar pode ser numa galeria ou na parede do quarto do meu namorado ou quem sabe só num post do Instagram que ninguém além de mim vai compartilhar. Antes que eu me mate eu preciso não sucumbir ao desejo de me afundar e de comer sempre que o escuro fica mais escuro e minha barriga cada vez mais cheia de comida e não de alimento, cada vez mais cheia de gordura e mais vazia de nutrientes. Antes que eu me mate eu quero viver um amor intenso com uma mulher, eu preciso amar uma mulher e eu preciso muito entender e conhecer e sentir e saborear qual o gosto de ser amada por uma mulher. Antes que eu me mate eu preciso viver viver viver há tanto tempo eu sonho em vi-

ver e não vivo nada eu apenas quero viver mas acordo todos os dias sem viver nem um tiquinho que seja. Antes que eu me mate eu preciso parar de morrer por dentro eu preciso parar de me matar diariamente. Antes que eu me mate eu preciso raspar a cabeça e pintar o cabelo de roxo talvez até ficar loira quem sabe. Antes que eu me mate eu preciso tatuar as costas, fechar o braço direito de flores rabiscadas e fazer pelo menos mais uma tatuagem idiota que me faça rir. Antes que eu me mate eu preciso aprender mais uma língua alemão não sei se me arrisco quem sabe francês na verdade eu deveria aprender espanhol já que sou latina e nunca me senti como tal. Antes que eu me mate eu preciso parar de ter cobranças irrealis comigo mesma. Antes que eu me mate eu quero fazer as pazes com meu pai. Antes que eu me mate eu quero levar minha mãe para viajar. Antes que eu me mate eu quero parar de ter medo de mim mesma. Antes que eu me mate quero ter uma espada de São Jorge na entrada do meu apartamento plantar uma primavera e ver ela trepar na varanda e preciso ainda esperar pela próxima florada das pitayas. Antes que eu me mate quero me orgulhar de mim mesma. Antes que eu me mate eu preciso - não apenas quero - eu preciso publicar um livro de preferência de poesias para que todo mundo conheça o quão linda e perturbada minha mente sempre foi. Antes que eu me mate eu quero pular de bungee jump para sentir a sensação da queda livre. Antes que eu me mate eu quero fazer novas amizades e quero ver elas se tornarem um lugar seguro para mim e eu tenho tanto tanto precisado de um lugar seguro. Antes que eu me mate eu quero viver tão pro

fundamente que nem me lembrarei que um dia eu quis me matar. Antes que eu me mate há muito a ser feito.

Eloah Toledo

Natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Eloah Toledo é formada em cinema e audiovisual (UFF). Pesquisadora em artes da cena, pela Unirio, é uma grande amante de escrita e dramaturgia.



Na beira d'água

por Eloah Toledo

Luíz já velho, sentado na cadeira de fio. Os olhos perdidos a distância na rua. O corpo magro, em repouso desde a hora que o puseram ali na cadeira. Os cabelos ainda secando ao vento, o frescor do banho matinal reavivava em Seu Luíz antigas memórias dos tempos de guri. Memórias que ele mesmo jamais saberia dizer se eram mesmo verdadeiras ou sonhos do inconsciente que, ainda latente, pulsava aventuras que o corpo já não poderia se quer suportar. Ele murmura baixinho uma melodia, e em seguida faz pequenos sopros com a boca, uma saliva meio seca lhe escorre, molhando os lábios e caindo como fel na camisa quadriculada azul. O asfalto quente da rua começa a tremeluzir, o embaçado do ar serpenteando junto ao chão. Seu Luíz vai longe. Lembra daquele dia beira rio. Molequinho. Espevitado de tudo, saiu correndo pelo matagal do quintal, na chaminé de casa a fumaça anunciava o jantar que a mãe caprichosamente preparava, esperando o marido que retornava sempre com o sereno, da pescaria diária. Luíz, apesar dos gritos da mãe que advertia a espera em casa, foi até a beira do rio. Correndo entre o mato grosso e alto, sentia uma leve brisa nos cabelos, a testa úmida do calor e o corpo leve, quase flutuando do chão. Os pés de Seu Luíz agora todo enrugado, calçados nas desgastadas sandálias do pai, que herdara na mocidade, podiam jurar sentir a terra e as

asperezas sobre suas solas. Molequinho de tudo, correndo depressa, freia brusco ao chegar na beira do rio. A respiração ofegante e o silêncio. Luíz sorri com a vista do rio, o sol já se escondendo por detrás das árvores margeando. Ele se aproxima do barranco, um banquinho de madeira fino se faz de assento e o acompanha em sua espera. Luíz balança os pés impaciente, na água do rio seu reflexo o impressiona, como modo de melhor se espelhar, ele sobe no banco. Anda de um lado para o outro de braços abertos, um pé seguido do outro. Depois para, faz pose, força os pequenos músculos dos finos braços, com a careta mais cabra macho que poderia fazer, franze o cenho e cai na gargalhada. Lembra do pai. Da cara de bravo que ele faz quando algo lhe aborrece em casa, ou pior ainda, quando conversa com a mãe sobre alguma injustiça “Isso não tá certo, Hortênci!” Buuuuuuu. Cara de mal. Depois Luíz viria a descobrir que injustiça é mesmo coisa de se aborrecer ferrenhamente. Espera mais. E enquanto espera, colhe flores, arranja-as num buquê para a mãe, simples, mas encantadoramente perfumado. As flores da roça têm esse dom, de um perfume suave, inebriante. Luíz fecha os olhos sentindo os aromas: Caliandra, Sempre-viva, Algodãozinho. Os olhos pesam quase se fechando profundamente, ensaia dormir e acorda. Na curva do remanso só a cigarra canta, fina e constante. Será que o pai não vem? De repente, escuta o mato estralando, os olhos arregalam. Luíz se encolhe atrás do banco, que mal cobre suas pernas, acorado o olhar acompanha o rio, rente ao banco. Seu Luíz sente a base da espinha formigar, como se olhando a rua também esperasse pelo encontro, o mesmo encontro inexplicável daquele dia, ain-

da guri. Surge na margem oposta do rio uma sucuri, longilínea, forte. As cores esverdeadas e marrons se mesclando ao mato, ela quase some antes de entrar n'água. Luíz assiste a tudo quieto, paralisado. A cobra bailando pelo rio, ele não a vê, só imagina sua caminhada, sua linha traçada até ele, na outra margem do rio. O menino se levanta devagar, o olhar fixo na água. A cobra surge vagarosa a sua frente, concluindo a travessia, se apresenta. Sua língua espevitada o convida para mais perto, mas também o atenta para o bote. Naqueles pequenos olhos negros, Luíz pode como que se comunicar, ler ou adivinhar qualquer mensagem. Ele sente o ímpeto de tocá-la, a curiosidade de sentir sua pele escamosa, lodosa do rio. Mas também sente o medo, o coração acelerado e a hesitação. Lembra da mãe, pensa no pai, reza um pai nosso às pressas, as partes das quais se lembra. Então se aproxima, cauteloso, a cobra vai se levantando, é tão grande que o corpo continua no rio, apesar de já muito fora da água. Eles se encaram, o sol em seus últimos raios, já não se enxerga muito, mas a presença é sentida, é quase palpável. A cobra começa a se enrolar nos pés de Luíz, ele sente seu corpo denso, pesado, gelatinoso, áspero. Ela se enrola subindo por suas pernas, começando a apertá-lo aos poucos. Do outro lado da rua, a uma distância na qual a vista já começa a embaçar, Seu Luíz vê a cobra, rodando no ar ao redor das crianças, que pulam por cima da cobra, passam por debaixo, brincando felizes. Ele sente suas pernas pesarem, sente o frio molhado gelando as pernas, a bexiga apertada não se controla mais pela idade, a urina escorre molhando a calça de moletom, as sandálias velhas. O menino Luíz encara a sucuri cara a cara, seu cor-

po duro como pedra, o ar preenchendo os pulmões com esforço e então uma luz. Um feixe de lanterna aparece a distância e se aproxima rapidamente, tomando mais dimensão, o barulho baixo do motor, diminuindo a velocidade, o barco balança o rio, pequenas ondas se espalham, o pai de Luíz e Tião, o padrinho, chegam à margem. O guri levanta o olhar, que encontra o do pai, eles sorriem. Luíz então encara o próprio corpo, os braços, pés, despertos. “Guriiiiii!” o pai chega à margem, descendo do barco descarregando varas, iscas, pescas e caixotes, Luíz carrega um peixe pequeno e o buquê para a mãe, eles começam a pegar o caminho de volta a casa, o barulho agora é das barrigas que roncam vorazes à procura da quentura da comida e de casa. Luíz olha uma última vez de relance para o rio, para a mata, vê um breve serpentear rápido, tão ligeiro como um piscar, que tão invisivelmente desaparece num instante, ele acompanha o pai. Seu Luíz chora, o corpo adormecido sente tudo novamente. As crianças no fim da rua param de pular corda, vão almoçar. O sol, agora longe de se pôr, encontra seu auge ao meio-dia. A cuidadora aparece: “Seu Luíz! Vamos ter de ir para outro banho.” De rio! ri sozinho.

Categoria
POEMA
(15 a 18 anos)



Julia de Cássia Diehl Pinelli

Nasceu em 2006. Residente em Campo Grande, Júlia escreve poemas e é estudante.



De crueldade e natureza

por Júlia de Cássia Diehl Pinelli

Eu matei o besouro.
Esmaguei-o com um copo.
Não tive coragem de se quer observá-lo,
ver suas patinhas, finas demais
espalhadas em volta do copo,
em volta de seu minúsculo corpo em fragalhos.
Pequenas criaturas me incomodam,
eu as enojo,
e sempre busco livrar-me delas.
Porque sinto-me, arrogantemente, humana.
Detenho o poder de pisar nelas.
Destruí-las, simplesmente.
Meu incômodo foi suficiente
para justificar sua morte...
E continuará sendo até o dia
em que o espelho à minha frente, reflita
uma pequena criatura.

Felipe Ogaya

Nascido no ano de 2008 e criado na cidade de Corumbá/MS, Felipe Ogaya é um poeta, ator e escritor sul-mato-grossense que teve sua estreia na literatura aos 14 anos com o livro “Poetas por acaso”. Possui 2 livros publicados oficialmente. Amantes das artes e da literatura, membro da academia corumbaense de letras e, atualmente, estudante do curso de informática do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul.



Poesia Mecânica

Por Felipe Ogaya

Conte-me, outra vez,
Aquela velha fábula de aço,
Dos animais industriais e metálicos clamando pela vida.
Das engrenagens impetas e corrosivas.
Da ferrugem, devoradora de uma nação.

Conte-me, outra vez,
Aquele conto atrativo e inexato,
Fundado no peso do ouro e da ganância.
Fundado no peso da arrogância,
E intermediário de um destino concreto e inevitável.

Se Deus existe, de aço não é,
Forjado não foi,
Erudito deixou de ser,
E no fim, mesmo que por engano,
Se mostrou ser volúvel
E a mais complexa invenção.
Neste mundo eufórico e mecânico,
O tempo tornou-se um escravo.
A vida, um privilégio cobiçado.
E o amor... Um plano indecifrado.

Ao findar desta poesia,
A verdade descobre-se nua e envergonhada.
Por mostrar-se em toda a sua essência,
A primogênita da realidade.

Poesia mecânica, castigue-me!
Não escutarei mais a sintética voz do futuro.
Ouvi demais, basta!
Deixe que as máquina te digam,
E te mostrem toda a verdade...



Alex Chagas Aristimunho

Nasceu em Campo Grande em 2005. Escreve poemas e é estudante.



Montanha-russa

Alex Chagas Aristimunho

De cima a baixo
De baixo a quina
Da quina ao chão
Do chão ao céu

No céu o sol
Do sol o hélio
Quente e belo
Belo e ascendente

Queima da pele a veia
Do seu vermelho ardente
Ao congelante azul
Se faz o roxo machucado

A mente esquenta
A frieza toma
A paciência se ausenta
A escuridão se acumula

A certeza ilusória
Confirmar estar no alto
Sentir estar no meio
E ter a epifania de estar em baixo

De baixo a quina
Da quina ao céu
Do céu a sina
Da sina ao véu

No céu a lua
Na lua o reflexo
Frio e inerente
Duas faces diferentes

Na face é refletida
Um congelante vermelho
Ao ardente azul
Cria-se um forte fogo arroxeadado

A mente esfria
A queimação toma
A paciência se revolta
A palidez se esvai

A incerteza ansiosa
Achar estar no alto
Pensar estar no meio
E saber que está solo, no solo

Categoria
POEMA
(19 a 24 anos)



Monielle Peria

Monielle Peria, 21 anos de idade, ítalo-brasileira, poeta, escritora, estudante, nascida em Aparecida do Taboado, MS. Fascinada pelo mundo literário desde os 10 anos de idade, mas carrega um carinho especial pela literatura britânica do século 19. Possui 5 poemas em inglês publicados na Dreich Magazine, uma revista independente na Escócia. Já

foi estudante de English Language and Literature na Broward College, atualmente estuda Relações Internacionais na Universidade São Judas Tadeu (USJT). No momento, faz de Severna Park, MD sua morada, alienando em seu mundo em busca de inspirações sem remorsos.



1924

por Monielle Peria

Querido Francisco,
quando a meia-noite cai
escrevo febrilmente sobre amor
aquele que porto por sua degenerada histeria.

Seja minha testemunha cética
deste tamanho e depravado servilismo
onde findei ruídos marrons e estáticos
pela alma implorável que me deixou
em vinte e quatro.

Minha avó dizia: “Descanse a mente, minha filha”
mas eu clamava por tudo aquilo que perambulava
que vaga e alarma na quietude opressiva e injuriada
e foi ali — altar que acolhi — seu lamento consagrado.

Meu buscador desproporcionado,
por onde devaneava ano passado?
na melancolia delirante
remediada pela absurda e ilícita praga metamorfoseada.

Minha esperança depenada,
composta por literatura e nada além disso
sua filosofia mora nesta casa de monólogos internos
e indecência desmedida.

Por suas semanas de indistinguível exaustão
faço juras de não contentar com apelos que não seja
insondavelmente apático e escrupuloso
e que faça duvidar se um dia o sem-par me definhará.

Temo quando partir
onde depositarei todo declínio corrompido
talvez abrigarei crisântemos frescos
a caminho da nossa partilhada e perpetuada miséria.

Meu caro vigilante,
não me agrade com vanglorias
lhe proponho cartas auto-conscientes
e fantasias silenciosas a par com seu verme pensante.

Meu ente querido,
me conduza ao vilarejo dos poetas mortos
prometo confidenciar elogios fúnebres
sobre nosso não celebrado e atormentado fiasco.



Aloe Alves Dos Reis

Aloe Alves Dos Reis (23), nasceu no Rio Verde, no município de Águas Claras-MS. Cresceu na capital Sul-Mato-Grossense, criada por sua avó também artesã, onde teve os primeiros contatos com a arte, principalmente a bio-arte, onde aprendeu com ela artesanatos e mandalas com sementes. Graduanda de Geografia Bacharelado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS),

Aloe pesquisa seu corpo-travesti-território. Propõe através das artes cênicas, visuais e plásticas, diálogo e reflexão que manifeste no seu tempo- espaço presente, o passado, bem como seu futuro, em protesto de sua luta e resistência enquanto travesti-brasileira. Parte do termo Geo-Travestilidade; como metodologia intelectual, pesquisa e ritualística, mandiguera, macumbeira e andarilha (ciclo viajante). Na penumbra das 00h da noite, na 12h do meio dia. Feita por Exu e Pombo Gira, é na penumbra da noite que a artista encontra entendimento. Artista independente, penumbra pelas letras escrevendo Slam. Explora e produz audiovisual e performance.



Manifesto Moradas Travas

Aloe Alves Dos Reis

“Caminhará sob o asfalto quente em pleno meio-dia
e com a certeza das coisas novas a se dizer,
reafirmará em vosso chão:
A não mais expulsão de travas, sapatões e viados
futuras residentes das moradas a serem erguidas ali.

Firmará em cimento ainda fresco e molhado
a certeza de que travas futuras poderão residir ali!
Propagar em loteamentos recém desmatados
que a queda da mata não será em vão
e que uma nação de travas e viados se manifestarão ali,
naquele cimento molhado,
secando logo após o arder do meio-dia.

A palavra trava como firmamento de vida
para que nos próximos anos e dias
possíveis a todes resistirem e residir no mínimo ali.

Não me convenha a forjada engenharia civil
projetada pelos seus projetos colonialistas,
ao invés de uma possível tentativa bio construtiva
de não só erguer moradas as famílias recém-chegadas nessa,
como já dizia Ailton Krenack: “experiência colonial”,
mas de erguer “dutrios que sustentem como corais,
as da caatinga, cerrado, as pantanosas, as amazônicas,

as pampas, as da zona da mata” (PROFANA, 2019)

Devolver-nos uma imagem de nós mesmos
na qual não no reconhecemos mais!
As pantanosas que desaguam em um alagamento
de realizações e acontecimentos,
manifestações ancestrais através de nossas mães
que de longe nos trouxeram de barriga, e aqui fomos paridas.

Estar aqui é reafirmar que a morte mais uma vez,
em nossas tristes histórias interpretadas,
não estão em um esquecimento.
Podemos nos manter vivas!
pois, nossas mães se mantêm vivas em nós
e de nós só próspera a vida.

Diante aos abandonos,
as rejeições e a todas as expulsões,
eis-me aqui, um alagamento de ocupações pantanosas
e reafirmação da vida.
Para não desistir de viver aqui ainda, mona
nadar maré ainda calma!”



Pedro Augusto

Pedro Augusto Nogueira de Oliveira, natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, é mais um estudante de Psicologia e artista em desenvolvimento que acredita no poder da história, na autonomia e autogestão dos povos, e no poder da palavra como instrumento de transformação coletiva do planeta. Quando criança amava ler e tinha muita vontade de escrever, mas na medida que foi avançando os anos na escola, se afastou da leitura e dedicou seu tempo a outras atividades. Em 2018, a literatura voltou a ocupar um espaço muito tangível no dia a dia do artista, pois na medida que lia, seu olhar para as características intrínsecas e extrínsecas das coisas se transformava. Ao longo do tempo, deixou de considerar esse olhar como exclusivo de si (e provavelmente nunca foi), e sentiu a necessidade de escrever sobre esse campo que seus olhos partilham com os olhos do outro.



Vestígio de fôlego ao espaço-tempo

por Pedro Augusto Nogueira de Oliveira

Olhando para o chão enquanto caminho
uma breve escuridão me atravessa,
fôlego lento de uma peça teatral.
Aqui estou em seu quintal — arbusto florido —
no seu verso de lua esquecido.

Por que não falam os olhos dos lírios?
Assim ajudariam-nos com o visual desenxabido,
tecer-lhe-ei os fios já adictos do porvir:
logo estaremos fossilizados por searas.



Categoria
CRÔNICA

(15 a 18 anos)



Miguel Morgiroth Partzlaff

Natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Miguel tem como uma de suas principais paixões a escrita, escrita essa que forma para si um infinito particular, e é sobre essas particularidades quase que miúdas que ele se debruça a explorar em seus textos.



Ouro de Tolo

por Miguel Morgiroth Partzlaff

Atravesso a Rua General Ribeiro. Chego, tudo se encontra como antes, sempre. Pontual são as horas, já me sabem muito, sempre chegaria eu no horário sabem elas. Sabem? Que seja, não importa. As horas passam como se não fossem percebidas. Tolas, eu as percebo. Tento evitá-las, conhecem meu íntimo já.

Teclado, teclado, teclado. Teclaria mais se não as percebesse, coexistimos; passaria horas com elas, ditando a vida mesquinha de quem a isso cabe. Tolo sou eu por não participar plenamente desse movimento intransitivo. Sabe que sempre gostei dessa inflexibilidade típica que nas minutações é encontrada. Isso me cabe, contabilizar o horário de teclar, de checar e o horário de parar; de qualquer forma de que isso importaria aqui.

Apontou para o doze como de costume. Pararia eu agora. Olho para ele, e o confirma. É tempo de não teclar, gosto até, apesar da desmecanização existente no processo. Comería, pararia, esperaria. E ele lá, sendo, ameaçando com os minutos, ditando a minha vida - quase que mesquinha.

Volto e está tudo como deixara, começa outro ciclo de austeridade com o relógio. Teclado, teclado, teclado, não seria eu se não teclasse. O tempo acontece, e ele está lá para constatar. Constata ele nossa vida? A quem importaria constatar memórias de um efêmero?

É tempo de voltar, atravesso a rua, ela ali, imóvel, imutável, tal qual por ela de manhã passei, puxa. Ela fica e meu caminho segue, assim como todos os dias e todos os dias. Crianças brincam de ciranda, a vida delas acontece. Hoje o céu é azul claro, lindo, não é ele efêmero. Lindo. Eu diria que caminho quinze minutos até a casa, minha casa. Não sei ao certo, aqui não sigo o seu controle matador. Seja quinze minutos ou uma hora, não importa, aqui tem potência de vida, as crianças brincam de ciranda e o céu é azul. Isso basta aqui. Atravesso a Avenida Bandeiras e chego.

Estou em casa, meu nome é Edgar, moro no apartamento 214, gosto de jogar pedrinhas no canal da Ponta Negra e de goiabada com queijo. Importaria isso?

Aqui não caberia todo aquele tic tac, mas veste bem, coexistimos. Não sei o que sou aqui, Edgar talvez, mas quem? Elas sabem. Se não sabem, deveriam, já que sempre estivemos juntos em propósito de máquina. Seria isso a união? Nunca saberia, nunca me couberam essas coisas, por mais que seja eu Edgar, por mais que eu more no apartamento 214 e goste de jogar pedrinhas no canal da Ponta Negra e de goiabada com queijo, nunca me colocaram para sentir. Que seja, me cabe. Penso na vida, mas além dela, na morte. O que faria ela de mim, tento não pensar nela. Sinto uma repulsa, ela coube a mim. Desgraça!

Sento na poltrona, escancaro a boca cheia de dentes e espero. A qualquer momento ela chegaria.



Nicholas Notario

Eu, Nicholas Notario, nasci em 2009 e cresci em Jardim. Atualmente, sou calouro no IFMS, no curso de Edificações. Desde cedo fui amante da literatura. Eu diria que a razão para essa paixão é que por muito tempo tive dificuldade em me expressar livremente sem me perder dentro dos meus pensamentos sem nexos ou de ideias tão rápidas que se tornam impossíveis de entender. Então eu escrevo e, magicamente, tudo passa a ter um sentido claro. Para mim, escrever é tão essencial e humano quanto respirar.



Crescer

por Nicholas de Silva Maciel Notario

Havia um ar de melancolia na brisa, aquele tipo de tristeza que só se faz presente em desfechos indesejados. É o luto pelos planos que não se realizaram e as juras que desde o início estavam destinadas a serem quebradas e despedaçadas. E ao mesmo tempo, havia a euforia juvenil de estar crescendo. Memórias eram recontadas entre amigos, eu me lembro bem dos sorrisos e risadas tão verdadeiros quanto poderiam ser. No entanto, se fazia impossível não notar a incerteza nos olhos brilhantes pela luz da lua: “E sequer haverá uma próxima vez para compartilharmos tais lembranças?”. Estávamos felizes e tristes e assustados com o futuro. O clima daquela noite era o clímax de hormônios e emoções adolescentes.

Eu sentia o agridoce do passar do tempo. Inconscientemente, eu sentia que meu tempo escapava do meu alcance. Logicamente, eu sabia que isso era apenas uma ilusão criada por uma psique amedrontada. E dentro da minha mente, era como se eu estivesse afundando numa areia de deméritos evitáveis, deméritos estes que eu nem sequer havia tido a oportunidade de cometer. E quase como um acordo silencioso, eu e meus amigos admitíamos que dali para frente, nós não seríamos iguais, mesmo que nada houvesse mudado dentro de nós. Era puramente nossa realidade que mudou com um sopro de juventude. Evidentemente me

perseguiu do amanhecer até o anoitecer.

Então era só meu quarto de madrugada. Era o medo de tudo que o silêncio faz ao invadir meu ser. Eu penso, penso tanto que nem a maior dose de existencialismo de Sartre é capaz de tirar o niilismo de dentro de mim. Penso tanto que chego a conclusões: o universo, tão grande e inexplicavelmente etéreo, embora seja de fato ad aeternum, não é atemporal. Ou imóvel. Constantemente e de maneira em que ninguém, nem o maior dos reis ou o mais poderoso dos líderes de mundiais, é capaz de impedir, ele muda.

Agora, eu sei que não é o fim do mundo. Mas assusta. Eu estou crescendo num ritmo frenético e apesar de não ser uma verdade completa, é exatamente como minha mente percebe tudo o que acontece. Memórias que eu nunca fiz, a euforia de uma típica adolescência, o após discussões mesquinhas em que tudo fica bem uma hora ou outra, eu tenho medo de perder isso.

E ainda assim, é como se borboletas procurassem abrigo em meu estômago quando penso no que a estrada da vida reserva para mim. Existe um teor de esperança em poder tornar o mundo algo melhor. Quando as pessoas me questionam, eu penso em como descrever essa sensação única, mas nada me vem à mente que seja preciso o suficiente; e até nas ocasiões em que penso exatamente em o que dizer, as palavras me escapam. Então numa metáfora simplista, crescer é como o pôr do sol num parque cheio de vida, talvez alguns estejam tendo dificuldades enquanto outros aperfeiçoaram a arte de ir ao balanço, mas não há uma pessoa que esteja arrependida. É uma experiência “uma em um milhão”.

Desde que o mundo é mundo, a juventude é levada a crer no que nos é dito. Constantemente, somos feitos a crer que o tempo sempre nos esperará e da mesma forma, a sociedade sussurra em nossos ouvidos que o tempo está se esgotando. Nos é prometido tempo para tudo que alguém seria capaz de almejar, mas nos é mostrado uma realidade inegavelmente construída sob as ruínas de um sistema injusto. É impossível não considerar que talvez essa seja apenas outra mentira encravada ao subconsciente social.

Em momentos em que percebo o tempo correr ao meu redor, eu desejo acordar em um outro universo onde eu veja o sentido dos acontecimentos reais. Porque neste aqui minha rotina aparenta ser uma mentira vinda diretamente de pesadelo, não aqueles tipicamente assustadores, mas aqueles embasados em desalento. Quando vivo assim, nem sequer vivo em seu significado de dicionário, simplesmente entro em devaneio para fugir da realidade.

E é na ausência da norma em que eu me habituei, há a ausência de coisas que pensei me fazerem ser “eu”. Pois não há eu sem competitividade sem sentido, não há a originalidade vinda do meu eu interior na nova rotina monótona que me aguarda. Eu não sou quem as pessoas veem e quem as pessoas veem não sou eu; todavia, nós somos o mesmo corpo, o mesmo ser. Nós somos eu; E assim como são as pequenas características banais que me tornam eu, são as pequenas coisas do dia a dia que tornam as pessoas elas mesmas.

E quando o assunto é o cosmos, humanidade e tempo, os fatos são praticamente idênticos. Nossas células são os planetas, nossos tecidos são galáxias completas, nossos

órgãos são universos, até mesmo as marcas em nossas peles podem ser comparadas a estrelas. Somos conglomerados de órgãos, igual a maneira em que o cosmos é um conglomerado de universos. E se nada no universo acontece imediatamente, por qual razão esperamos que o tempo seja gentil conosco? Que ele nos espere ou que vá mais rápido pelo único e exclusivo motivo que é o desejo juvenil de que nada mude?

Certo, crescer é uma faca de dois gumes. Mas também é uma das coisas mais lindas do universo. Temos a tendência de olhar para os males de se crescer quando na verdade, a arte de se viver o máximo em qualquer etapa de sua existência é magnífica. É exaustivo, assustador e as vezes há uma sensação de que tudo foi em vão, mas é lindo. Ainda assim, eu e tantos outros temos medo das mudanças; e isso é intrínseco de crescer.



Maria Fernanda Pereira Cristino

Mafer Cristino é atriz, dançarina e poeta, de Campo Grande-MS. A artista demonstra interesse pela arte e tudo que a envolve desde pequena, graças ao apoio de seus pais. Com seus 16 anos, a jovem se aventura no mundo literário extraindo da sua essência na jornada do autoconhecimento e a beleza da arte nos míseros e mais singelos detalhes da vida cotidiana. Mafer se descobre a cada dia e sua missão nesse mundo é trazer o brilho nos olhos das pessoas, através de sua luz que espalha a chama da Verdade e da arte por onde passa.



A arte do ordinário

por Maria Fernanda Pereira Cristino

Aprendi a observar os pequenos detalhes. Nossa pequenez e singularidade. É sobre admirar por longos minutos a vista da sacada e poder reparar em cada luz que se apaga nos postes, e que a Lua continua lá. É poder acompanhar, com o olhar, os carros indo adiante na longa estrada. É se assustar com tamanha beleza e cores à mostra. É olhar pra cima e contemplar grandes prédios com vidros que refletem a luz do sol. É dar mais atenção para a gentileza das pessoas em um mundo tão antipático. É andar de ônibus e se emocionar ao ver um homem cantando sua alegria em forma de talento, por onde passa. É encher a galeria do celular com fotos de flores e borboletas. É apreciar os grafites e todo tipo de arte espalhada por cada centímetro dessa cidade. É entender o olhar cansado da mulher batalhadora, que luta pela sua família diariamente em um trabalho árduo e sem reconhecimento. É ver atores, dançarinos e pintores deixando um pouco de sua alma em cada obra. É passar a madrugada admirando e pensando como um lugar pode ser tão interessante e profundo. Onde há miséria e triunfo lado a lado, em uma disputa, na qual a ganhadora é sempre apenas uma...a arte.

Deplorável é pensar que em meio ao cotidiano repleto de problemas e circunstâncias irrelevantes, acabamos perdendo o brilho nos olhos. Este é o mais precioso presente

que nos foi concedido. É através dele que podemos não só viver, mas enxergar a vida, de fato. Fotos, poemas, danças, encenações, rimas, filmes e livros. Estes, que são mundos, com mundos dentro.

A vida é como uma obra de arte. É como a “Noite Estrelada”. As luzes da bela cidade são ofuscadas pela exuberância das estrelas. Meus olhos passeiam pelas curvas do céu e é como se cada onda me engolisse para outro mundo. Cada girassol é um ponto de vivacidade em meio ao intenso azul. Meus sonhos são como cada uma das nuvens que permeiam aquele firmamento.

“É possível tanta beleza assim existir?”, me pergunto todos os dias; mas em todas as noites, tenho a confirmação de que sim. Van Gogh estava certo quando não disse nada, mas, sim, decidiu pintar. Esboçar seus mais profundos sentimentos com leves pinceladas em uma tela. Toda “loucura” incompreendida e subestimada em vida foi endeusada após sua morte, realçando, assim, pura hipocrisia. Mas, paralelamente, significa que mesmo que não compreendamos toda a complexidade e os mínimos detalhes, não quer dizer que não existam. Não quer dizer que o “ordinário” é insuficiente. Pelo contrário, não é apenas no incomum que a beleza existe. Em tudo existe um pouco de extraordinário.

Em se tratando de bens materiais, meus artefatos mais preciosos cabem dentro de um envelope. Cartas. O que dizer delas? Como pequenos pedaços de papel amassado podem significar tanto assim? Gosto de expressar o que sinto com olhares, gestos, palavras de afirmação e inúmeras formas de declarar o amor. Mas como expressar tudo isso a alguém? Como ter sempre consigo o que as pessoas dis-

seram há anos atrás? Como lembrar da voz de sua vó lendo um poema? Como fazer você se sentir a pessoa mais amada desse mundo? Como dizer que ama, da forma mais singela?

Avisto papéis amassados das mais diversas formas, que contém as mais lindas palavras, registradas por uma simples caneta “Bic”. Desenhos tortos de corações e repetitivos “te amo” invadem meu coração. Facilmente, digo que não me importo com coisas caras ou difíceis de adquirir. Apenas com minha arte e minhas cartas - objetos mais preciosos que tenho na minha vida. – Lendo os textos, posso ouvir a voz suave daqueles que já se foram. Quase consigo sentir o amor como algo palpável, de tão grande que ele é dentro do meu coração.

Desfruto de tal sentimento, quando desperto a arte nas pessoas. Cada palavra em meus textos, gestos corporais, ritmos na dança e interpretações no teatro. O cantar, o atuar, o falar, o escrever, até o andar, o olhar, o tocar, o nascer, o morrer, o sonhar. Tudo é arte. A vida é arte. Cada expressão de amor dá significado à vida. Para levar de volta o brilho nos olhos, o entusiasmo e o conforto no coração às pessoas que vivem no piloto automático.

Cada expressão artística revela um pouco de mim. É o que me faz viva. Minha morada. Onde me sinto segura ao me arriscar e posso ser eu mesma, sem medo de errar. Já que aqui, o “errado” não existe mais. É minha bagagem e eu a levo por onde vou, iluminando a vida das outras pessoas. E, se o outro sentiu, diz mais sobre ela do que sobre mim. A arte é mais do outro do que minha, mesmo sendo eu a autora por trás. Esse é o motivo de ela me encantar todos os dias. Consegue transbordar autenticidade e beleza.

A arte é o ar que respiramos, mesmo que esculpida em sua forma mais ordinária.

Obrigada, arte, por me fazer sentir a pessoa mais feliz do mundo, no momento em que me deparo com você. Agradeço a cada segundo que meus olhos se fecham e meu coração chega a transbordar. Meu sonho saiu do quadro e vive intensamente em minha vida. Mas sempre estará marcado, eternizado e existirá um pouquinho de mim em cada toque de arte nesse mundo.

Categoria
CRÔNICA

(19 a 24 anos)



Isabela Akemi O. Yamazaki

Nascida em Dourados, Mato Grosso do Sul, em 2002, é de ascendência nipo-brasileira e fascinada pelos temas da antropofagia, ecologia e pela construção de perspectivas nikkei. Já envolveu-se com diversas modalidades e apresentações artísticas, incluindo teatro, dança hip hop e canto. Publica textos, quadrinhos e artes visuais em suas redes(@yamiza_arte), tendo já participado da confecção do quadrinho pedagógico “Sobre Ser Sapo”. Hoje, cursa o quarto ano de Psicologia na UFMS com um irremediável amor à Psicanálise lacaniana.



Portas abertas

Isabela Akemi Oliveira Yamazaki

Aberta a livraria. A entrada cheia de *Orgulho e Preconceito*. Ao lado, *Mente são, ... corpos são e gente não*. No alto, expositores pendurados de calendário, agenda, planilha e diário; marcando os dias que sobram para dar de cara com as prateleiras: *Isso Não É um Romance; Isso Não É Só um Conto*. Isso virou só uma livraria. Reviro mais da estante *pocket* sociologia: guias de *Como Ser...Não Ser...Até Já Fui...Não Era Feminista; Livro para Mulheres Modernas e Desinibidas; Contos de Empoderamento para Meninas*. Para meninas. Espio a ala próxima: edição nova, capa dura e lombada grossa - deve ser a masculina. Adentro. Livros que ficam bonitos na sua...instante de tirar foto. Foto de capa. Autor estande. Sessão de autógrafos. Cheguei na hora, mas passo longe, muito embora olhe: braços cruzados - a camisa é linho para não arrebentar - guardam o peito que, bufante, infla a biografia de contra-capla. Contra-ciência e cara lavada. Passo rápido. *Como investir sem nada, Como não comer(ou quase nada), Como vencer mesmo quando errado*. Livro-me do “Engano ao próximo e seja salvo”, mas, logo à frente, *Guia politicamente incorreto da...* corro. O setor de História foi um desespero. Sigo à seção de ilustrados, mas interrompem-me: “Ah moça, esse nós não podemos abrir”. Revolto-me, mas, não sem timidez. Volto às *Crônicas de Millôr, Contos de Millôr* e poemas, demais,

de Millôr. *Cartuns de Laerte* de “desentender”, é claro, se pudesse ler. De novo: “Moça, mesmo os que estão abertos, não pode folhear porque estraga as páginas, porque deixa orelha, porque deixa marca” - disse o próprio estraga-página, enquanto dá marcadores de graça. Toulmé, *Persépolis*, *Maus* e Chabouté. Outros menos conhecidos: *Pedras Tectônicas* profundas como o petróleo de *Patos* - por Obama... indicado. Esgota o dinheiro, mas não a Segunda Guerra, *Guerras Secretas*, biografias, selo *Graphic MSP*. Franjinha, Mônica, do mesmo, *Do Contra*, será que, enfim, puseram o nome do autor? Aos montes, os *Clássicos em*, *Sherlock em*, *Machado em*, até *Graciliano em quadrinhos*, mas só para acostumar, na escola, ao que é “livro mesmo”. Isso me entristece, e me esqueço. “Álbum de figurinha serve?”, ouço na conversa de fundo. Viro-me ao lotado setor de mangás, todos fechados. “Já tenho esse volume”. O papo morre na hora. Saem ambos da loja, mas não sem cruzarem-se com um trio de conversa alta sobre comprar um presente. Volto aos quadrinhos. Cavuco algum Ziraldo, mas, Mafalda, dessa tem, e tem de tudo: Mafalda tech, Mafalda pop, Mafalda é...mas falta algo. Na estante ao lado, enfileira-se *Peanuts*, o império. Das tão organizadas coletâneas, guardo apenas coletados da infância e, assim como criança, me abaixo aos voluminhos, contando: do 1 ao 4 e do 2 ao 5, separados, por serem outra edição. Justo quando me levantava, ouço do trio: “Para ele não serve. É um fã sério, de coleção, digo, coração” - acho que ouvi errado. Um deles sugere: “Mas a coletânea não está valendo a pena? Só de tirinhas, mais de 300...”. Reais. Li no lacre. Os três insistem na procura. Saem dos livros, entram na loja: caderno, caneta, caderne-

ta, porta lápis, porta-copo, porta-treco, porta-mochila, porta de saída...“Moço, como sai da loja?”, pergunta uma das amigas, “Só registra, o caixa é o mesmo”, responde. Entendido. Os três veem bonequinho, chaveiro, marca-página de ímã, de metal, de papel, ecológico e de ler logo. O que levar para esse amigo? Até eu me aflijo. “Ele gosta de leitura minimalista...tem que achar alguma coisa...ah, tem caneca”. Resolveu-se o problema. “É melhor que meia, vai...”. Continuo de costas. Entra uma voz grossa: “Caneca é naquele outro caixa na ala nova da livraria” - explica o vendedor com cara de “Marco as horas para ir embora”. Sigo, instintivamente, o trio, como que movida pela feliz resolução e curiosa por ver reagir o dito amigo, agora, leitor de tirinhas impressas em cerâmica. Retifico-me, em meio ao caminho: “Desculpe-me o incômodo, moça, mas tem que registrar esses aí para sair dessa seção” - deixo tudo. Ando até o outro lado, cheiro de Brasil: Clarice e Telles em graves amores; Clarice em *Laços de família*; Nelson Rodrigues casa-se de novo e tudo volta a contar da infância. Se amaram *in transe*, como era o verbo, quando a bagunça de criança culmina no fato Veríssimo de ter visto *O menino no espelho* - não duvido -, enquanto a mãe, no bonde, derruba os ovos e não volta para casa, parte ao zoológico, mas deixa um diário: caderno de Hilda, rosa. Pervertida. A poesia brasileira não se rende nem se intimida. Uso os dedos para passar as capas miúdas. Livro fechado, livro fechado, livro fechado. Ah, tinha um aberto, mas para ler só *Depois dos 30*, depois dos 60, e *Agora?* À frente dela, devaneio. Depois da *revolução dos Bichos*, *Depois do Capitalismo*, ainda, como bichos, *Internacionalismo ou extinção?* O que prefiro? De-

pois de tudo, permanecem novos os contos de Mário. Volto aos clássicos. Adélia Prado, Pablo Neruda e Nélide Piñon, letras contagiosas da primeira à última, tento passá-las adiante, mas “Moça, também não pode tirar foto do livro não”. Tá. Anda para lá, anda para cá. Sai do corredor para só cliente passar. Aqui não tem cadeira, apoio os livros em cima da prateleira. Meia hora assim. Sento para conseguir folhear. Tem que consumir para sentar. Dois cafés: 4, 50, cada xícara, imagine a cheia. “Moça, esses livros, já podemos passar?”. Passo para o lado, comprar é rápido, ler é que ocupa espaço. Trombo nas folhagens da Expresso Tropical. Ao lado, estante dos mais lidos em rede social. Dissociado, lá no cantinho, setor artístico, Frida, Monet, mas ninguém vê. Não é para ver. Não pode abrir. Livro ilustrado? Mas nem que peça. Como a de museu: não é de ler, é de ficar exposta. Burburinho de livraria hoje em dia: “Não folheia, moça”, “Quer uma cesta?”, “E esses livros, vai levar?”.

“É que já vamos fechar”.



Ana Laura Menegat / Alma

Ana Laura Menegat, também conhecida como Alma, é jornalista, fotógrafa, poeta e multiartista. Natural de Dourados, atualmente mora em Campo Grande e atua como fotojornalista independente. Acredita na potência do jornalismo e da poesia como ferramentas para a construção de uma memória coletiva a respeito das vidas e lutas existentes no MS. Faz arte como condição de existência e escreve para não se esquecer de si mesma.



O que sobra quando não se tem mais nada

por Ana Laura Menegat / Alma

José ‘sai antes do sol’ e só volta depois que o grande astro se foi. Todos os dias sobe a ladeira sob a lua das 23 horas. A rua nem sempre faz silêncio, mas nesse dia está muito quieta perto do barulho que vem de longe. Conforme ele anda, percebe que o som é a voz de sua mãe. Corre até à frente de casa. Porta escancarada, vidros quebrados. Sua mãe chora e berra ao chão.

José, eles roubaram tudo, José. Roubaram a bandeira. Lembra, aquela que você tanto gostava? Ah, as cores, eles roubaram as cores. Nossa casa, antes tão colorida. Eles roubaram nosso verde e amarelo. As cores que ficaram não parecem as mesmas. O vermelho, mais vermelho. O preto, mais preto. Todo o resto se apagou. Filho, eles levaram tanta coisa. Que dor! Você me escuta? Como me escuta? Eles roubaram tudo. Roubaram minha voz, meu corpo. Roubaram tudo, tá vendo? A casa tá vazia.

Pera, mãe, não estou acompanhando. Roubaram a carne que alimenta e a carne que compõe. Meu corpo não é mais meu. Será que um dia ele foi? Essa pele, essa pele eles não roubaram. Essa pele ficou. Essa pele ficou com 80 tiros, mais um nas costas, outro na barriga. Tá vendo, José? Você enxerga o alvo em minha testa? Isso eles não roubaram, foram eles que colocaram. É, a gente ‘quase foi feliz’.

E João, mãe, cadê meu irmão? Ah, meu filho, rouba-

ram João também. Entraram e roubaram ele. Roubaram tudo que cabia onde não cabia quase nada. E roubaram tudo que cabia no peito. Roubaram João Pedro. Roubaram Miguel. Roubaram Ágatha, lembra dela? Ela tava aqui na hora que eles chegaram. Sabe o que eu acho, José, que quem mandou roubar Mari, veio roubar a gente também. E a gente que é ladrão, eles dizem.

Mãe, e agora? José pergunta enquanto senta ao lado da mãe, no chão frio e vazio. Lá fora, a noite cai. Roubaram tudo e o sol nem está presente. E agora, José? E agora, ‘tudo que nois tem é nois’.

** Crônica inspirada no álbum “AmarElo” do Emicida. Os trechos entre ‘aspas simples’ são frases ditas pelo artista em suas músicas.*

*** João Pedro, Miguel e Ágatha são nomes de três crianças assassinadas pela polícia no Rio de Janeiro.*

**** Mari faz referência a vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018, também no Rio de Janeiro.*



Évelin Gauna Malhada

Nasceu em 2004. Morando em Guia Lopes da Laguna, Évelin escreve crônicas e é estudante.



Claustrofobia

Évelin Gauna Malhada

Não é nada demais, é só uma caixa. Todas têm formatos diferentes, mas, de certa forma, todas são caixas. Não importa o quanto você decore, personalize, elas permanecem inabalavelmente caixas.

No dia em que recebi a minha, me diagnostiquei com claustrofobia. Não conseguia viver com ela e, por não me servir, joguei fora na tentativa desesperada de escapar do sufoco que ela me causava. Mesmo após jogar fora, continuei sendo confrontada com inúmeras outras caixas ao longo da minha vida.

Nunca consegui entrar em nenhuma caixa, eu tenho claustrofobia. Cada oferta de uma nova era um lembrete cruel de que, por mais que tentássemos escapar, nunca conseguiríamos fugir da nossa condição de presos, limitados por estruturas que não escolhemos. E assim, seguimos, tentando encontrar significado e liberdade dentro das limitações de uma caixa.

Às vezes me sinto sozinha, por não caber nas expectativas, o tamanho certo parece ser um privilégio distante. Tento encontrar meu lugar em um mundo que parece estranhamente estreito, enquanto na grande maioria a caixa cabe e é confortável, eu preciso explicar: “É que eu tenho claustrofobia e certos lugares não me cabem.”

Às vezes sinto falta de ar em espaços apertados e não suporto que tentem me fazer entrar onde não caibo. Tam-

bém sou agitada demais, cada átomo do meu corpo funciona com intensidade absurda. Não se pode controlar o incontrolável e nunca tive muito controle sobre mim. É porque eu tenho claustrofobia e não consigo parar dentro de onde você me coloca, não paro nem dentro de mim mesma. Não consigo viver no que me limita, por favor, não me coloque dentro de uma caixa

Já te falei, eu tenho claustrofobia e você pode não levar isso a sério, se quiser. Só não me diga onde devo caber, não me faça quebrar para entrar no seu molde. Depois de crescer não consigo voltar a ser pequena. Não posso regressar conhecimento, dar meia volta no meu desenvolvimento e me confinar no limitado. Me desculpa, eu tenho claustrofobia. Cada vez que tento me encaixar, sinto um aperto sufocante, fico presa em um espaço pequeno demais para mim.

Não me julgue por não me encaixar, nem me force a entrar em uma caixa que não é minha.

Porque, ao final, sou apenas eu, e não posso e não devo me limitar por nada que tente me aprisionar. Eu tenho claustrofobia, mas também tenho a coragem de ser quem realmente sou.





Posfácio

O Festival da Juventude realizado no campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2024 representou um marco significativo para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. Este evento, que reuniu jovens de diversas regiões, destacou-se pela promoção da cultura, educação, e cidadania, reforçando a importância da participação ativa dos jovens no desenvolvimento social e cultural do país. O festival foi um espaço vibrante de expressão cultural, onde os jovens puderam compartilhar e celebrar a diversidade de manifestações artísticas. Shows musicais, apresentações de teatro, exposições de arte e sessões de cinema permitiram a troca de experiências e o enriquecimento cultural dos participantes. Esta celebração da cultura contribuiu para a valorização das identidades regionais e a promoção da inclusão social. Workshops, palestras e mesas-redondas foram organizados com o objetivo de fomentar o conhecimento e a capacitação dos jovens. Temas relevantes como inovação, empreendedorismo, sustentabilidade e direitos humanos foram discutidos, proporcionando aos participantes novas perspectivas e ferramentas para enfrentar os desafios contemporâneos. A presença de especialistas e acadêmicos renomados garantiu a qualidade e a profundidade dos debates. O evento também foi um espaço de exercício da cidadania. Atividades voltadas para

o voluntariado, debates sobre políticas públicas e campanhas de conscientização abordaram questões cruciais como a igualdade de gênero, a preservação ambiental e os direitos da juventude. Esses momentos de reflexão e ação incentivaram os jovens a se tornarem agentes de transformação em suas comunidades.

Para a UFMS, o FestJUV de 2024 foi uma oportunidade de fortalecer os laços entre a universidade e a sociedade. Ao abrir suas portas para receber um evento de tamanha relevância, a instituição demonstrou seu compromisso com a formação integral dos estudantes e jovens de Mato Grosso do Sul e seu papel como protagonista no desenvolvimento regional. O festival fomentou um ambiente de colaboração e troca de conhecimentos entre estudantes, professores e a comunidade externa. O legado do FESTJUV se estende além dos dias de evento. A troca de experiências, a ampliação das redes de contato e a motivação gerada entre os jovens participantes prometem influenciar positivamente suas trajetórias pessoais e profissionais. Além disso, o festival serviu como um modelo de como eventos culturais e educacionais podem ser usados para promover o engajamento e a participação juvenil em questões sociais e políticas.

Sua contribuição para o desenvolvimento pessoal dos participantes e para o fortalecimento da comunidade universitária e regional é inegável, destacando-se como um exemplo inspirador de como a juventude pode ser um motor de transformação social.

Foi uma honra para UFMS e para Diretoria de Popu-

larização da Ciência da Pró-Reitoria de Extensão de Cultura e Esporte fazer parte desse lindo movimento que veio para ficar.

Marcelo Augusto dos Santos Turine

Reitor UFMS

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Vice-Reitora - UFMS

Marcelo Fernandes Pereira

Pró-Reitor PROECE

Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques

Diretora de Popularização da Ciência - DIPC - PROECE - UFMS

Esta obra foi composta em Electra e impressa em
papel Pólen em julho de 2024.